

FESTAROLA MEXE COM REFERENCIAIS: O ESPETÁCULO DE DANÇA FESTAROLA AFIRMA-SE COMO CALEIDOSCÓPIO VIGOROSO, CASANDO EXPRESSIVIDADE E SONS*

Fausto Fuser

Festarola, espetáculo de dança concebido e coreografado por Célia Gouvêa, vem provar a vitalidade de nossas manifestações artísticas — se é que há dúvidas —, contra a obrigatoriedade auto-imposta de se fazer arte, no caso a dança, espelhando fielmente modelos externos. Nascido do projeto **A identidade da Dança Nacional**, este espetáculo é um resultado fiel das propostas feitas: pesquisas de possíveis comunhões do gestual brasileiro com a dança, erudita ou não. No palco, desfilam quadros ininterruptos de evocações festivas, intrigantes, algumas muito próximas de nosso referencial urbano paulistano, outras certamente inspiradas em recantos distantes, ou ainda na imaginação fértil da coreógrafa.

Célia Gouvêa, por exemplo, não renuncia a determinadas propostas suas, pessoais, mesmo nesta criação de raízes na antropologia cultural: ela busca em retrato também crítico, de situações sociais brasileiras acabrunhantes. Mas não levanta bandeiras, não faz discursos: sua linguagem é a da dança, sua postura é a do jogo popular, seu fim é a festa — e isso passa à plateia com muita força.

Sem folclorismos, a contribuição folclórica foi captada, **sem popularismos**, o espetáculo é popular. A informação erudita, inevitável, corre sem restrições mesquinhas, mas é a expressão brasileira, a dominante.

Gestual Mímico

A trilha sonora de Célia é de grande felicidade, reunindo Papete, a Banda Fênix de Pirenópolis, Ernesto Nazareth e Severino Araújo, entre outros, e uma brilhante percussão ao vivo — que termina por ser assimilada ao espetáculo.

Mas o grande colaborador de **Festarola** é seu diretor geral, Maurice Vaneau, principalmente por seus figurinos de extraordinária felicidade. Neles, Vaneau serve-se da imaginação popular, casando-a ainda com requintes de bom-gosto e ousadia. Completa-se aí a festa programada, pois o que o espectador tem pela frente, além de tudo vindo da dança e dos ritmos (e do bom-humor), é caleidoscópio rude e vigoroso (e também bem-humorado) de cores e formas surpreendentes.

Há também um gestual mímico, aqui e ali, de grande pureza e expressividade, nesse casamento de sons novos e antigos realizado pelo elenco, animadamente — como, aliás, é a sua dança: tudo é feito, no palco, como se o Sol brilhasse diretamente sobre os artistas.

Festarola deve voltar, não pode fechar-se num depósito de cenário. Seu público é imenso, por todo o País do qual nasceu.

* In: **Folha da Tarde**, São Paulo, p. [?], ago.1989.